



ARQUIVO DOS ARTIGOS DO SITE DA ABPE

PRESENCIEI A MARCHA DE KORCZAK E SUAS CRIANÇAS DO GUETO PARA ENCONTRAR A MORTE!

Irena Sendlerowa

KORCZAK, Janusz. *Child's right to respect.*

Strasburg: Council of Europe: 2009

(Tradução: Renato Andrioli)

PRESENCIEI A MARCHA DE KORCZAK E SUAS CRIANÇAS DO GUETO PARA ENCONTRAR A MORTE! – (Irena Sendlerowa*)



*Irena Sendlerowa ajudou a salvar 2500 crianças judias do Gueto de Varsóvia durante a Segunda Guerra Mundial. Este texto é um trecho de seu testemunho que foi registrado pela Academia Polonesa de Ciências em 6 de fevereiro de 1997.

Presenciei a marcha de Korczak com as crianças saindo de *Dom Sierot (Meu Lar)* para encontrar a morte! Naquele momento ele já estava muito doente, e ainda assim caminhava com firmeza e um semblante que parecia uma máscara, com a expressão de que tudo estava sob controle.

À frente da trágica procissão, conduzia as crianças trazendo a mais jovem em seu colo apoiada em um de seus braços, enquanto segurava a outra pela outra mão. Esta cena tem sido descrita de diferentes maneiras em muitas publicações, o que não significa que alguma esteja errada, pois não devemos nos esquecer de que o caminho entre o Lar dos Órfãos e *Umschlagsplatz* era longo. Eu os vi dobrando a esquina da rua Zelazna para a rua Leszno.

As crianças estavam vestidas com suas melhores roupas. Eram uniformes azul-escuros. Seguiam em cortejo de quatro em quatro. Caminhavam alegres, ritmicamente e com dignidade em direção a *Umschlagsplatz* – o quarteirão da morte!

Seria uma visão ou um sonho?

Seria possível? Por que aquelas crianças e jovens teriam sido sentenciados à morte? O que teriam feito? Culpados de quê?

Quem teria o direito de decretar tal sentença sem precedentes históricos? De fato, não foi uma visão nem um sonho! Mas sim a realidade! O governador onipotente da Alemanha – Hitler – decidira que as crianças judias, exatamente como os adultos, velhos e enfermos judeus seriam condenados às câmaras de gás.

E como o mundo reagiu? Os estados mais poderosos? O mundo manteve-se em silêncio! E o silêncio algumas vezes significa consentir o que está acontecendo.

Em que época aquilo estava acontecendo? Em que século?

Um século de grandes descobertas e invenções. Um século de progressos tecnológicos incomparáveis em que civilizações se espalhavam pelo mundo todo.

Então, como isto poderia acontecer, como poderia ser possível que um grupo de crianças e jovens prestes a despertar para a vida adulta – o orgulho e a esperança de qualquer nação – estivessem em massa, naquele dia 06 de agosto de 1942, na Polônia, caminhando para a morte coletiva? Outras crianças de outras instituições e internatos já tinham ido. E elas caminhavam rumo à morte, que lhes fora planejada por grandes estudiosos e cientistas do grande estado alemão. Os criadores da maior invenção daquele tempo – Zyklon B¹!

À medida que caminhavam, iam pensando e falando sobre a peça de Rabindranath Tagore - *Dakghar (The Post Office)* que tinham encenado havia não muito tempo em “*Meu Lar*”.

Para que se entenda melhor a razão de obra de Tagore ter sido mostrada às crianças sob aquelas circunstâncias, contarei brevemente sobre o que se trata.

O pequenino Amal está doente e precisa permanecer na cama. Sua única forma de diversão é assistir ao mundo através de sua janela. Ele vê o carteiro, a garota vendendo flores, um carregador de água e um leiteiro passando por lá. Crianças brincam do lado de fora. O perfume das flores está em toda parte. Pode-se ouvir alguém cantando. Amal leva para seu leito enfermo todas aquelas experiências e procura envolver-se com a vida, projetando-a além de sua janela. Ele almeja liberdade, quer fugir para o campo para se deliciar sob a luz do sol e beijar as flores. Mas um velho médico ordena que fiquem as persianas fechadas a fim de manter do lado de fora todos os sinais do outono e a luz do sol. O pequenino Amal sente que a enorme montanha que vê além da janela tem as mãos estendidas para o céu!

Ele ama aquelas mãos! E luta para sair de seu quarto abafado e seguir por um caminho que ninguém conhece. Mas se acalma quando percebe que o próprio médico o levará para fora quando chegar a hora. Até que venha alguém maior e mais sábio para libertá-lo.

Algumas vezes havia pequenas pausas na procissão fúnebre. Especialmente porque o verão naquele ano era muito quente. As crianças precisavam descansar.

Então o “Velho Médico” (*aludindo ao Doutor Korczak como a figura do médico na peça*) disse-lhes ter acabado de receber uma carta do Rei que, assim como na peça de Tagore, os convidava a todos a uma longa caminhada por um caminho muito extenso que os levaria a um lugar de lindas flores, onde a brisa suavemente murmurava aos ouvidos e onde uma grande montanha estendia suas mãos aos céus.

Para que as crianças não se apercebessem até último instante – até o momento em que as iníquas mãos de um criminoso alemão trancassem as portas de seus vagões assassinos que os levariam a Treblinka – até este momento elas não deveriam tomar ciência do significado da morte.

¹ **Zyklon B** era a marca registrada de um pesticida à base de ácido cianídrico, cloro e nitrogênio que foi utilizado pelos Nazistas como veneno no assassinato em massa por sufocamento nas câmaras de gás, era ativado em contato com o ar. Seu nome deriva dos substantivos alemães dos ingredientes principais e a letra B uma de suas diferentes concentrações. Este composto foi escolhido por proporcionar, com eficiência, uma morte rápida.

As crianças não deveriam saber a verdade plena. As pequeninas mãos das mais jovens seguravam bonecas de plástico feitas para elas pelo Professor Władysław Witwicki que as enviara através de suas duas assistentes, a Doutora Romana Wisznacka e a Doutora Ester Merkizówna.

Pois mesmo trancafiados nos Gueto, eles não perdiam tempo. Desenvolveram o que era então chamado de “a oficina dos brinquedos” para tentar dar algum prazer à sua infância tragicamente triste.

Abraçando as suas bonecas, especialmente feitas para elas com muito amor por um professor de psicologia de Varsóvia, as pequeninas crianças ainda não sabiam que dentro de alguns instantes as garras bárbaras dos capangas de Hitler as trancafiariam dentro dos vagões letais cheios de carboneto e cal, e seriam levadas para o que seria a última jornada de suas vidas.

A encenação recente de “*The Post Office*” de Rabindranath Tagore, organizada por Korczak no Lar dos Órfãos, tivera o objetivo de desviar atenção das crianças do que ocorria do lado de fora das janelas de seu lar.

E o que estava acontecendo era tão horrível quando poderia ser.

O trágico verão daquele ano foi simplesmente um inferno. Havia constantes recolhimentos de pessoas comuns nas ruas, a fome e a febre tifóide produziam pilhas de cadáveres todos os dias, e, além disso, pessoas inocentes eram aleatoriamente alvejadas em todo momento.

Desviar a atenção das crianças destes horrores fora algo que somente Korczak pudera sonhar e realizar; no mundo inteiro ele era o que tinha o coração mais terno e cheio de afeto por todas as crianças, e foi sua mente brilhante que vislumbrara o pior que estava por acontecer naquele Gueto infernal.

De fato, o pior estava na próxima esquina a esquina, o fechamento das passagens do Gueto.

Por isso Korczak escolhera uma peça com final otimista. E falou da carta do Rei que acabara de chegar e convocava e convidava todas as crianças a uma linda terra de liberdade.

Assisti à dramatização que as crianças fizeram. E agora, na rua, no dia 06 de agosto de 1942, assim como na peça, eu observava cabisbaixa o “Velho Médico”, que na apresentação das crianças se sentava no canto do quarto, com uma profunda e indescritível tristeza velada em seus olhos. Este gênio, pedagogo sem igual, queria impor pelo menos alguma distância entre as crianças e os pesadelos que tomavam conta das ruas do Gueto. Ele também pensara que talvez naquela noite, em que atuavam as crianças como artistas no palco, isto poderia ser sua última experiência de alegria antes que viessem a morrer na câmara de gás.

Quando me lembro da trágica procissão daquelas inocentes crianças marchando para a morte e as palavras otimistas do doutor sobre a peça, realmente me pergunto como foi possível que os corações dos que testemunharam aquilo, inclusive o meu, não tivessem se despedaçado.

De fato, os nossos corações não se partiram, mas a desde aquele momento ficamos com pensamentos que são incompreensíveis para um ser humano normal.

De todas as minhas mais dramáticas experiências de guerra, incluindo a minha “permanência” e as torturas que tive na Prisão de Pawlak, as torturas que sofri da Gestapo na Rua Szucha, ver jovens morrendo no hospital do AK (*Armia Krajowa – Home Army*²) onde trabalhei como enfermeira durante a reconstrução da Polônia, nenhuma delas me marcou tão fortemente quanto a cena que presenciei da marcha de Korczak e suas crianças para a morte.

Será mesmo possível que não pudemos fazer nada para impedir tal barbaridade? Qual o nosso papel nisto tudo? O que significa dizer que éramos impotentes? Sendo que uma das mais básicas lições da educação é a de levantar os caídos. Sempre ajudar a quem precisa. E aquela nação que tão dolorosamente precisava de ajuda.

Em 6 de agosto de 1942 as testemunhas daquela funesta procissão absolutamente nada fizeram. A rua foi tomada por uma atmosfera de espanto, e silêncio!

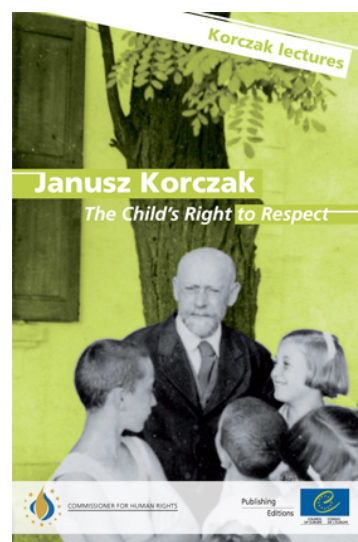
Ninguém podia intervir porque não havia proteção, todos estavam exaustos e mutilados pelos crimes que os assolaram durante três anos todos os dias.

Sem as armas adequadas ou uma quantidade suficiente de munição, atacar os tanques e confrontar os soldados alemães armados até os dentes seria suicídio.

Traduzido do inglês por

Renato Andrioli

Texto extraído do livro



² AK ou *Home Army* – foi o movimento dominante de Resistência na Polônia contra a invasão dos alemães naquele país.